

REPERCUSSÕES DA RELAÇÃO AGROINDÚSTRIA X PEQUENA PRODUÇÃO NO NÍVEL DE RENDA DOS PEQUENOS PRODUTORES: O CASO DOS COLONOS IRRIGANTES DE PETROLINA-PE.

Lindalva Silva Correia Maia¹ ; Luciano Galvão Freire Júnior¹.
UFRPE/UAST 1,1 lindacmaia@bol.com.br

Área: Produção Agropecuária

Introdução

O padrão agrário, que se conformou nos anos 1970, foi assentado em bases modernas, com encadeamentos definidos à montante e à jusante da agricultura, redefinindo as relações de produção, tendo em vista que a agricultura não pode mais ser vista como uma atividade isolada, posto que o processo de modernização que se implementou na agricultura brasileira, engendrou relações complexas que extrapolaram os mecanismos internos, antes requeridos pela atividade agrícola com os complexos rurais. Essa nova dinâmica postula uma integração e centralização entre os capitais industriais, financeiros e agrários, em consonância com o processo global de acumulação, consolidando o processo de formação dos complexos agroindustriais. SORJ (1980:12), ao estudar o desenvolvimento do capital no espaço agrário brasileiro, observa que: O crescimento da agricultura passa a depender da existência da indústria de insumos e maquinaria agrícola e dos processos de elaboração industrial, modificando dessa forma o lugar e a importância das diferentes classes na produção agrícola. As constantes inovações tecnológicas, que foram sendo introduzidas no espaço rural brasileiro, produziram repercussões profundas, não só no circuito produtivo, mas também nas relações de produção e, portanto, na redefinição da estrutura de classes. Nesse contexto de crescente penetração do capital, na base produtiva da agricultura, mudanças na estrutura de classes se tornam inerentes ao processo, e essa mobilidade, nas posições dos diferentes atores sociais, determina um processo de diferenciação social entre os agentes produtivos, visto que o processo não se dá de forma homogênea, e assim sendo a apropriação do valor gerado também se dá de forma diferenciada. Nesse sentido, SORJ (1980:12), acrescenta ainda que o desenvolvimento do capital no campo acabou por promover uma transformação e diferenciação constante das características dos diferentes tipos de empresas agrícolas. Grande parte dos latifúndios se transforma em modernas empresas capitalistas, diferenciando-se cada vez mais dos antigos latifúndios assentados na exploração da renda do pequeno produtor. A pequena produção por sua vez ou é marginalizada ou se integra ao complexo agroindustrial-Cais, gerando uma camada de pequenos produtores capitalizados. A nova dinâmica de acumulação, propiciada pelos CAIs, acabou por redirecionar os termos do debate em torno do pequeno produtor, denotando a capacidade da constituição de um produtor capitalizado em face da penetração do capital no campo, o que produziu uma redefinição ao próprio conceito de proletarianização, visto que elementos novos foram introduzidos ao conceito, que vão além da clássica abordagem, em termos de expropriação dos meios de produção, redefinindo as próprias relações engendradas no contexto moderno de produzir. Toda a dinâmica propiciada pela consolidação dos CAIs, no âmbito agrícola, sinaliza uma alteração em torno do destino do campesinato, recriando formas que respondem por tal permanência que passa agora pelo grau de envolvimento e integração dos produtores aos CAIs. SILVA (1996), ao analisar a evolução recente pela qual vem passando o campo brasileiro, observa que os

resultados apontados por essa dinâmica na camada dos pequenos produtores, dar-se-á no sentido de um processo de recriação ou destruição desse segmento, onde sua capacidade de permanência, no processo produtivo, estará condicionada pela sua capacidade de integração aos CAIs. O autor supracitado atribui ainda a diferenciação do campesinato à condição de produtores integrados e produtores não-integrados aos complexos agroindustriais. Nesse sentido, a nova dinâmica por que passa a agricultura brasileira, implementa uma mudança qualitativa na estruturação das classes sociais, em oposição à idéia de homogeneização do mundo rural, visto que há um segmento de pequenos produtores que conseguem capitalizar-se, enquanto outra parcela, em não conseguir tal integração, acaba, via de regra, por marginalizar-se do processo modernizante da agricultura, tornando-se assim um produtor em estado de contínuo empobrecimento, com uma produção voltada para o autoconsumo.

Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral analisar um processo de diferenciação social entre os pequenos produtores de frutas dos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho, ambos localizados em Petrolina-Pernambuco, a partir da sua inserção ao processo de modernização agrícola, envolvendo encadeamentos a montante e a jusante com a agricultura.

Objetivos Específicos

Verificar se o maior ou menor nível de articulação dos pequenos produtores com as agroindústrias da região, contribui para reforçar o processo de diferenciação social entre os pequenos produtores ora pesquisados.

Metodologia Utilizada

O trabalho referente à pesquisa de campo desenvolveu-se junto aos pequenos produtores nos Perímetros Irrigados de Nilo Coelho e Bebedouro, ambos localizados no município de Petrolina, PE. O critério inicial adotado na pesquisa diz respeito à escolha da categoria social, intitulado pequeno produtor, agricultor familiar ou colono irrigante. No projeto Nilo Coelho existe 1.511 pequenos produtores com lotes familiares, ocupando uma área irrigável de 16.069 hectares; e no projeto Bebedouro, são 156 lotes destinados aos pequenos produtores familiares. Os produtores entrevistados nos Projeto foram escolhidos aleatoriamente. Por limitações de ordem financeira, só foi possível trabalhar com uma amostra de 2,98 % do universo de pequenos produtores no projeto Nilo Coelho; e 12,18% no projeto Bebedouro, o que justifica a amostra do tipo intencional, trabalhada na presente pesquisa. Os instrumentos utilizados na pesquisa de campo foram: aplicação direta de questionários aos produtores responsáveis pelo lote, além de entrevistas com os gerentes da divisão de produção dos dois perímetros em estudo, entrevistas com agrônomos e técnicos agrícolas. Foram realizadas também entrevistas com funcionários de instituições de apoio ao programa de fruticultura irrigada na região, a exemplo da CODEVASF, VALEXPORT e da EMBRAPA semi-árido, além da observação direta realizada pelos pesquisadores. O trabalho de campo foi realizado de forma intensiva no período de 03 a 13 de fevereiro de 2003, e os dados colhidos, por ocasião da pesquisa, são referentes à produção agrícola do ano 2002. O questionário se dividiu em duas partes: uma parte contendo variáveis qualitativas. A segunda parte centrou-se nas questões quantitativas. As análises das variáveis utilizadas na pesquisa foram trabalhadas utilizando estatística descritiva. As medidas de variabilidade utilizadas foram: o desvio-padrão e o coeficiente de variação.

Resultados e Discussões

Tão importante quanto o processo de produção das mercadorias é o processo de realização delas. O processo de comercialização nos dois perímetros em estudo tem-se mostrado uma tarefa mais árdua que o ato da produção, posto que, os produtores ali se especializaram em produzir, apresentando enormes dificuldades enquanto negociadores. O estabelecimento de agroindústrias, num ambiente de intensa produção como é o caso dos perímetros irrigados, tem sido colocado como uma importante estratégia de ampliar mercados, posto que a agroindústria tenha entre

outras funções a de reguladora de preços e uma alternativa de comercialização dos produtos de menor qualidade para processamento, o que diminuiria a vulnerabilidade desses produtos no jogo de forças do mercado. No caso de haver uma integração completa às agroindústrias, ainda pode-se pensar em uma transferência de tecnologia desta para com os pequenos produtores e, em alguns casos, essa integração pode vir seguida de crédito. Apesar das vantagens enumeradas não foram encontrados, no âmbito dos pequenos produtores pesquisados, uma adesão muito forte a essa alternativa de comercialização, como é possível perceber na Tabela I. Na Tabela I observa-se que os pequenos produtores pesquisados são pouquíssimos integrados às agroindústrias da região. Além de serem extremamente heterogêneos nesse aspecto. Dos colonos pesquisados em Nilo Coelho, a integração demonstrada às agroindústrias foram poucas e, ainda assim, os colonos pesquisados demonstraram enorme diferenciação nesse item, representada por uma variação altíssima de 177,80% em relação à média. No projeto Bebedouro observa-se na Tabela I que os colonos estão ainda mais desarticulados com a agroindústria que em Nilo Coelho, posto que a média de colonos integrados é inexpressiva e, ainda assim excessivamente heterogênea, representado por um coeficiente de variação extremamente alto de 435,89% em relação à média, indicando que os pequenos produtores no projeto praticamente não mantêm vínculos comerciais com agroindústrias. Portanto, realizam a comercialização de outras formas. As culturas direcionadas para agroindústrias, observadas na pesquisa, foram: a manga, a acerola, o coco, e a goiaba. E, os contatos comerciais feitos pelos pequenos produtores pesquisados, referem-se às seguintes agroindústrias: a Amacoco, que é a processadora de água de coco na região; a Niagro, uma empresa japonesa com sede em Petrolina que beneficia a polpa de acerola especialmente para exportação; e a Agromex, empresa exportadora de manga na região. Os motivos atribuídos pelos colonos, que não mantiveram relações comerciais com agroindústrias, são os mais variados, como por exemplo, o fato de alguns só produzirem uvas de mesa, outros ainda afirmaram que a exigência para se inserir nesse espaço de comercialização é grande, inviabilizando uma participação mais homogênea dos produtores.

Considerações Finais

Os aspectos, até aqui alinhavados, objetivaram analisar o perfil social e produtivo dos colonos irrigantes contemplados na pesquisa, tentando mostrar como se posiciona o produtor familiar no processo produtivo e no gerenciamento dos desdobramentos colocados pelo novo padrão agrícola ao qual estão inseridos. A comercialização da produção, no entanto, revelou-se como o grande gargalo nesses perímetros, visto que, por falta de uma organização associativa forte, os produtores intercambiam sua produção por conta própria, ficando, na sua maioria, à mercê dos atravessadores, que acabam ditando o seu preço. Outros ainda fazem contrato antecipado e estabelecem vínculos comerciais com compradores da região e fora dela. A presença de agroindústrias num ambiente de intensa produção, como é o caso do pólo petrolinense, constitui-se em um elemento de elevada pertinência no estabelecimento da cadeia produtiva e, na absorção dos produtos de segunda e terceira qualidade para processamento industrial, devendo adquirir também a função de reguladora dos preços. No entanto, os colonos pesquisados não mantiveram na sua maioria contratos de venda com as agroindústrias da região e, ainda assim denotaram vasta diferenciação nesse aspecto da comercialização. A comercialização da produção foi o item que exibiu os maiores problemas nos perímetros, sendo também onde houve a maior diferenciação. No entanto, os produtores articulados com a agroindústria demonstraram maior capacidade de manutenção e reprodução do núcleo familiar, além de uma maior pré-disposição a ascender socialmente, de modo que, observar tal grau de integração constitui-se num importante condicionante de desigualdade de rendimentos entre os produtores pesquisados.

Referências

- A CARTILHA DO PERÍMETRO SENADOR NILO COELHO. SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS. DIPSNC/CODEVASF, Petrolina, 2001.
- LIMA, J. P. R.; MIRANDA, Erico Alberto de A . Fruticultura irrigada no Vale do São Francisco: incorporação tecnológica, competitividade e sustentabilidade. In: ARAÚJO, P. T. de.; LIMA, R. A . Ensaio sobre Mercado de trabalho e políticas de emprego> Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. pp.321-467.
- O IRRIGANTE, Jornal do. Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF – vinculado ao Ministério da Agricultura. N. 26 – Brasília, março de 1989 – Ano III.
- PROGRAMA FRUTICULTURA. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/produtos/fruticultura.htm>. Acesso em 09/10 de Abril de 2002.
- SILVA, J. G. da. A nova dinâmica da agricultura brasileira. – Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1996.
- SORJ, B. Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1980. pp.152.
- WILKINSON, Jonh. O Estado, A Agroindústria E A Pequena Produção. HUCITEC. Fundação Centro Estadual de Planejamento Agrícola – CEPA – BA. São Paulo – Salvador, 1986.

TABELA I

Descrição dos colonos irrigantes de Nilo Coelho e Bebedouro que mantiveram relação comercial com agroindústria segundo a amostra em estudo (2002)

	Média	Desvio-Padrão	Coefficiente de Variação %	Mínimo	Máximo
NILO COELHO					
1. Colonos que mantiveram relação com agroindústria	0,24	0,43	177,80	0	1
BEBEDOURO					
1. Colonos que mantiveram relação com agroindústria	0,05	0,23	435,89	0	1

Fonte: Pesquisa de Campo, Fev./2003.